

# NÃO EM NOSSO NOME! A apropriação do feminismo pela extrema-direita

A 14 de maio de 2022, ocorreu a Conferência Internacional *Feminismo e o combate à extrema-direita*, organizada pelo *Abril é Agora*. Sara Farris foi oradora no painel de abertura, abordando o seu estudo sobre o *femonacionalismo*. Sara é socióloga e professora na Goldsmiths, University of London, com trabalho de investigação e obras publicadas nos campos da Teoria Social e dos Estudos de Género. Do seu campo de estudos fazem parte os temas das Migrações e da Reprodução Social ou dos Cuidados, por exemplo.

Sara Farris convidou-nos a conhecer e refletir sobre os resultados dos seus estudos e investigação, de modo a percebermos de que modo determinados atores sociais se apropriam de temáticas feministas e as combinam com narrativas xenófobas, conforme dá conta no seu livro *In the Name of Women's Rights. The Rise of Femonationalism* (2017). Identificar essa prática (a apropriação de temáticas dos movimentos sociais pelo próprio sistema) é de suma importância no espectro da sociedade que vivemos e de uma lógica de combate à extrema-direita e de luta anticapitalista.

A pesquisa de Farris começou há dez anos, quando identificou que a extrema-direita estava a apropriar-se de discursos sobre os direitos das mulheres como argumento político seu. Começou, então, a questionar-se sobre o que estaria acontecendo. Como exemplo deste fenómeno, apresentou quatro situações, das quais destaco a de Éric Zemmour, candidato às eleições presidenciais na França. Zemmour é conhecido por um passado de declarações misóginas, como as de que as mulheres são inferiores aos homens e que devem ficar em casa. Farris chamou a atenção para uma iniciativa de campanha de Zemmour, em outubro de 2021, em Drancy, onde este interpelou uma mulher que usava *hijab*, perguntando-lhe se o fazia porque o marido a tal a havia obrigado. Apesar de ela responder que o *hijab* é parte da sua identidade e corresponde a uma escolha religiosa, Zemmour desamarrou a sua gravata e desafiou-a a fazer o mesmo com o *hijab*, dizendo que se é só um pedaço de tecido, então, ela também o poderia tirar, o que ela acabaria por fazer, respondendo: «Eu respeito-me. O lenço não faz a religião. Você tem a

mesma pessoa na sua frente». Farris argumenta que esta situação é de extrema violência. Zemmour recorre ao mesmo discurso com que acusa a mulher de usar o *hijab* para a convencer a tirá-lo. É de uma *performance* maniqueísta e violenta absurdamente contraditória que se trata.

A partir da análise desses episódios de mobilização de temáticas feministas, Farris cunhou o termo femonacionalismo, o qual condensa a formação ideológica inerente a um «nacionalismo feminista e femocrático». Este baseia-se na mobilização de temáticas feministas por parte de partidos nacionalistas e de extrema-direita dentro das suas campanhas anti-imigração e islamofóbicas. No seu livro, o enfoque são as campanhas e os discursos de três partidos, em três contextos nacionais diferentes: o Partido Pela Liberdade (Holanda), a Frente Nacional (França) e a Liga Norte (Itália). E estende a análise às posições assumidas por algumas feministas, as quais chama de “femocratas”, organizações pela Igualdade de Género e também por representantes de correntes políticas neoliberais. Esses atores distintos exemplificam uma heterogénea e contraditória convergência na invocação da igualdade de género como meio de produção e legitimação de um discurso e práticas xenófobas, particularmente antimuçulmanas. Com esta estratégia, estes têm avançado com os seus próprios objetivos e interesses políticos, os quais são contraditórios a uma agenda de emancipação e de cunho universalista.

Portanto, a estratégia femonacionalista baseia-se sobretudo na assunção de que os homens e as mulheres muçulmanas são os principais representantes do paradoxo opressor-vítima, que depois é projetado e generalizado aos migrantes do Sul global. Este mesmo paradoxo tem alimentado representações e estereótipos implantados durante o passado colonial dos três países em análise e que são também uma parte dos repertórios racistas mais comuns. Com rigor académico, ressalva que a sua crítica ao retrato europeu das mulheres muçulmanas, enquanto vítimas paradigmáticas do patriarcado não-ocidental, não nega, em momento algum, a desigualdade e a repressão a que estas mulheres são sujeitas. O seu estudo explora importantes dimensões político-económicas que na Europa Ocidental são bases destas paradoxais interseções.